

ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS MARIA CECÍLIA DE MAGALHÃES MOLLIKA¹ E MARIA DA CONCEIÇÃO AUXILIADORA PAIVA²

INTERVIEW WITH PROFESSORS MARIA CECÍLIA DE MAGALHÃES MOLLIKA AND MARIA DA CONCEIÇÃO AUXILIADORA PAIVA

Marcos Luiz Wiedemer³

Roberto de Freitas Junior⁴

A ideia de uma entrevista com professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ (PPGLIN/UFRJ) a ser publicada em volume da Revista *Linguística*, do próprio programa, poderia parecer perda de oportunidade de interação com profissionais de diferentes instituições acadêmicas e, conseqüente, de menor acesso a reflexões de pares no âmbito nacional e internacional. Definitivamente, não foi o caso aqui.

A entrevista com as Professoras Doutoras Maria Cecília Magalhães Mollica e Maria da Conceição Auxiliadora Paiva, na verdade, muito além de ser justa homenagem a tão grandes nomes da linguística brasileira, foi, acima de tudo, oportunidade de testemunharmos como a experiência,

¹ Completou a Licenciatura em 1972 e o Mestrado em Linguística em 1977 na PUC-RIO. Finalizou o doutoramento em Linguística e Filologia na UFRJ, instituição em que é docente desde 1979, tornando-se Titular em Linguística em 2005. Desenvolveu estágio de pós-doutoramento na UnB. É pesquisadora do CNPq com bolsa de produtividade em pesquisa PQ-Sr. Integra o corpo docente do Programa de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 1990. Pertence ao corpo docente do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS. Atuou como docente no quadro permanente do PPGCI/UFRJ. Membro do Programa de Estudos sobre os Usos da Língua. Foi presidente da ABRALIN, Bolsista do Nosso Estado da FAPERJ. Tem experiência docente em todos os níveis de ensino. Volta-se para a investigação na interface Linguagem e Sociedade, com interesse no campo da Linguística Educacional, Tecnologia e Inovação. <http://lattes.cnpq.br/3739175536240285> E-mail ceciliamollica@terra.com.br, <https://orcid.org/0000-0001-6261-4663>

² Possui graduação em português/inglês pela Faculdade de Letras de São João Del Rei (1977), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992). Trabalhou na Universidade Federal de Juiz de Fora, como professor adjunto e, posteriormente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora aposentada e atua no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou também na Universidade do Minho, Portugal, e na Universidade Federal do Espírito Santo. É membro do grupo de pesquisas Programa de Estudos do Uso da língua PEUL, desde 1980, e, atual coordenadora do grupo. Desde o início da sua formação acadêmica, a professora se interessa pelas áreas de Sociolinguística e de análise linguística de orientação funcionalista. Ao longo do tempo, vem desenvolvendo projetos na área de variação e mudança linguística, abordando temas como mudança fonológica, gramaticalização, variação na ordenação de constituintes, principalmente dos circunstanciais locativos e temporais. Mais recentemente, voltou-se para o estudo da mudança em tempo real de longa duração e dedica-se à análise das mudanças no quadro de conectores causais do português, através de uma análise diacrônica, adotando a perspectiva do modelo da Gramática de construções baseada no uso. <http://lattes.cnpq.br/7796134210271116>. E-mail: paiva.mca@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-8261-6575>

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mlwiedemer@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0924-1030>.

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), robertofrei@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>.

os “anos de estrada”, conjugados com a atualização e preocupação em acompanhar tendências e atualizações científicas, torna-se um caminho significativo para o encaminhamento da boa pesquisa, da reflexão pautada, resultado em ciência de qualidade.

Cecília Mollica e Conceição Paiva, como carinhosamente são referidas as professoras na UFRJ e em todo Brasil, representam essa fusão: estão na base da construção do pensamento linguístico brasileiro, assim como na sua continuidade, desenvolvimento e aperfeiçoamento. Por isso tudo, temos muito a agradecê-las.

Em particular, é preciso pontuar a importância das pesquisadoras para a implantação e desenvolvimento do PPGLIN/UFRJ e das pesquisas de base Sociolinguística no Brasil. Aqui, usamos metonimicamente o termo Sociolinguística, pois na prática, as professoras trouxeram contribuições teóricas e aplicadas a diferentes contextos, diretamente ou em algum grau relacionado ao pensamento sociolinguístico, como a Linguística Aplicada, o Sociofuncionalismo, a Sociolinguística Interacional, áreas de interface com a educação e a saúde, entre outras. Há de se pontuar, obviamente, a importância ímpar das professoras para a pesquisa no âmbito da Sociolinguística Variacionista no Brasil, seu campo de atuação primário.

A entrevista é uma celebração. Uma celebração, em primeiro lugar, às nossas queridas Cecília Mollica e Conceição Paiva. Uma celebração aos estudos de orientação sociolinguística no Brasil⁵ e ao PPGLIN/UFRJ, que possui o privilégio de contar com as professoras como parte de seu colegiado. Uma celebração à experiência e à capacidade de manutenção do vigor para fazer boa ciência. Vida longa à Cecília Mollica e Conceição Paiva e boa leitura!

REVISTA LINGUÍSTICA: Primeiramente, gostaríamos de agradecer imensamente por suas participações nesta edição da Revista Linguística, particularmente, aceitando serem nossas interlocutoras nesta entrevista. Nosso foco de discussão tangencia temas como Sociolinguística, contemporaneidade e história, entre tantos pontos. Acreditamos que a experiência de vocês como pesquisadoras e professoras do PPGLIN/UFRJ seja particularmente relevante para a presente reflexão.

REVISTA LINGUÍSTICA: 1) Inicialmente, vocês poderiam compartilhar um resumo de suas trajetórias de pesquisa no PPGLIN/UFRJ? Quais foram os principais temas, projetos ou áreas de foco que exploraram ao longo do tempo? Além disso, à luz dessa trajetória acadêmica, quais marcos ou resultados vocês destacariam para esta entrevista e por que consideram esses pontos como especialmente relevantes?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: Foi nos idos de 70 que desenvolvi pesquisa sobre as construções relativas no português brasileiro com base em dados da amostra MOBREAL. Minha dissertação de Mestrado é pioneira em razão de dar tratamento Variacionista a fenômeno variável no nível sintático (MOLLICA, 1977). Na pesquisa, evidencio as chances de emergência das copadoras,

⁵ Um pouco da história dos desenvolvimentos da Sociolinguística podem ser conferidos em Brandão (1985), Vandresen (2003), Ramos (2006), Savedra (2010) e Machado Vieira & Wiedemer (2021).

mediante o efeito dos traços de animalidade e indeterminação, bem como tamanho do SN antecedente da relativa, e complexidade da cláusula e do custo de processamento em relação ao emprego de estruturas padrão e não padrão. Apontei, na dissertação, a tendência de ocorrência de relativas cortadoras como estratégia de mudança no PB em comparação às copiadoras, seguindo a deriva da língua. Posteriormente, em estudo de painel e de tendência, atestei que as copiadoras exercem função de topicalização, especialmente nos casos em que a cópia tem função de sujeito, fato que evidencia que a variação tem base em mecanismos cognitivos.

Em paralelo, desenvolvi estudos voltados para fenômenos fonológicos. A pausa, para mim, sempre constituiu desafio em vários estudos. Acabei reunindo alguns dos muitos textos em Mollica (2021). Estabeleci parceria com Maria Luiza Braga, a exemplo de Brada & Mollica, 1986; Mollica & Braga, 201, ao correlacionar aspectos sociofuncionais e cognitivos à emergência de anáforas precedidas ou não de pausa no intervalo sujeito/predicado. Com Conceição Paiva, empreendi investigações voltadas para os processos de mudança de /l/ > /r/ > /0/ em grupos consonantais (cf. MOLLICA; PAIVA, 1991). A assimilação <no> e <mb> me ajudou a atestar algumas preferências dialetais de grupos socioeconômicos específicos e dar os primeiros passos ao entendimento em relação à comparação entre o português e o espanhol. Naquela ocasião, já me voltava para as questões sociais e estruturais da variação, tanto quanto para a relação entre usos variáveis e redes sociais. O princípio de que o presente se reflete no passado das línguas foi assegurado nos resultados da maior parte dos estudos, na medida em que as variáveis do PB contemporâneo guardam relação com suas origens, assim como em diversas sincronias no seu percurso histórico.

Meu interesse pelas relações sintagmáticas despertou-me para a variação dos nexos prepositivos. O estudo sobre alternância entre a~para~em em verbos de movimento inaugura, em certa medida, a relevância de fatores semântico-cognitivos. Volto igualmente às questões cognitivo-discursivas na tese de doutorado, defendida em 1989, ao estudar os processos de queísmo e dequeísmo no Português do Brasil (MOLLICA, 1989). Um pouco mais adiante no tempo, em investigação histórica mais aprofundada, atesto (cf. MOLLICA, 1994) que se trata de um único processo, levando em conta que a variante inovadora constitui a inserção do <de>, com chances de emergir mediante configurações discursivas específicas.

Para além da compreensão do status estável ou mutável da variação, sempre interessou-me saber sobre a aplicação prática dos estudos teóricos e descritivos. Aliando-me à preocupação com as questões de inclusão dos mais vulneráveis, ainda naqueles anos de 1980, embreei-me nos mistérios da aprendizagem da lectoescrita, sob a perspectiva da relação entre fala e escrita (cf. MOLLICA, 2003). Na obra, verifico as principais dificuldades de se chegar à língua escrita padrão, considerando fenômenos fonológicos, morfossintáticos, sintáticos e discursivos. Atenta ao público-alvo, desenvolvi um CD, Da Fala ao Teclado I, acessível no site da editora Contexto.

Assim, fruto desse investimento de pesquisa em Linguística Educacional, tenho publicado vários livros e participado de conferências e palestras. Minha investigação voltada para a pressão da fala

sobre a escrita na alfabetização encontra-se em Mollica (1998). Sobre inclusão e letramento, o livro de Mollica (2003) revela como as regras variáveis estáveis se comportam na escrita distintamente das variáveis em mudança em curso. São aí também ofertados exercícios de fixação nos contextos de maior incidência dos erros de escrita dos noviços. Além disso, numa parceria com a professora de Matemática Dra. Marisa Bezerra Leal, do Instituto de Matemática da UFRJ, estive voltada para os desafios do letramento de jovens e adultos, à frente do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos da Maré, investimento sob a iniciativa da UFRJ. Foram inúmeros trabalhos desenvolvidos e orientações de Mestrado e os livros Mollica & Leal (2009 e 2010) tornaram-se referência nessa área.

No eixo das interfaces, tenho desenvolvido muitas pesquisas voltadas para várias fronteiras do conhecimento. A Sociolinguística guarda naturalmente relação com muitas áreas e permite contribuição importante em Educação, Saúde, Ciência da Informação. Em Mollica (2009), os textos apresentam efetiva contribuição da Sociolinguística na formação em Letras, Educação e em Fonoaudiologia. São muitas as interfaces exploradas e já contamos com dissertações e teses que aprofundam as questões dos sujeitos atípicos e sua repercussão na escola inclusiva. Os pesquisadores reunidos em Mollica (2012) explicitam o diálogo entre campos de conhecimento para fins da formação do professor, do contato entre línguas, do letramento informacional, da relação entre a Psicanálise e os desafios contemporâneos da Educação. Também no livro Mollica (2014), discute-se a conceptualização de pesquisa básica e pesquisa aplicada.

A relação da Sociolinguística com a tecnologia tem sido igualmente contemplada. Organizei uma coletânea com colegas (cf. MOLLICA *et al.*, 2015) na qual reporta-se à inovação aplicada nas áreas de Ciência da Informação, Pragmática, Matemática, Lectoescrita em diversas plataformas digitais da Web. Mais recentemente, foi possível ofertar as contribuições da Ciência da Linguagem para a Educação (cf. MOLLICA *et al.*, 2022). Nesta obra, a base teórica da Sociolinguística tanto quanto do Sociofuncionalismo é relevante para o entendimento de processamentos sintáticos distintos na escola para fins de entendimento da autoidentidade dos discentes e da interação entre eles.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: Antes de mais nada, quero agradecer o convite para participar desta entrevista para a revista *Linguística*, pois sempre será um prazer falar de uma trajetória que contribuiu para a introdução e expansão da Sociolinguística Variacionista, não apenas no âmbito do Programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ, como também em diferentes regiões do Brasil.

Recém-chegada ao Rio de Janeiro no início dos anos 80, tive a sorte de entrar em contato com a pesquisa sociolinguística, já introduzida no Brasil através da atuação do professor Dr. Anthony Julius Naro⁶, na PUC-Rio. Diversos dos seus alunos foram incorporados no quadro docente do curso de Letras da UFRJ, levando na bagagem a convicção de que as línguas humanas são sistemas dinâmicos, inerentemente variáveis.

⁶ <http://lattes.cnpq.br/4161994799982051>

É preciso ressaltar que, naquele momento, os programas de pós-graduação da Faculdade de Letras ainda não estavam separados, constituindo opções/ramificações da área de Letras. O programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ (PPGLING) foi implementado como uma área de formação independente no ano de 2002, sob coordenação minha e da professora Christina Gomes. Já naquele momento, os estudos de variação e mudança linguística passam a constituir uma linha de pesquisa específica, que contava com a atuação de pesquisadores renomados, como Anthony Naro, Maria Marta Pereira Scherre, Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga, Vera Lúcia Paredes e Christina Gomes. Nessa nova organização, participei da ampliação da oferta de disciplinas com o objetivo de recobrir as diferentes questões teóricas e metodológicas que despertam interesse no âmbito dos estudos sociolinguísticos. Atuei regularmente na formação de novos pesquisadores, através da orientação de dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de despertar novas vocações através da orientação de alunos de IC.

Já no final dos anos 70, estava em gestação um projeto de estudo de variações linguísticas e possíveis mudanças em curso na variedade carioca, através de amostras de fala controladas e representativas dessa comunidade. Fui integrada neste projeto e, a seguir, ao grupo de pesquisas Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL)⁷, o que me permitiu colaborar para ampliar a constituição de bancos de dados da fala, como a Amostra Censo 80⁸ e a Amostra Censo 2000⁹, e da escrita, como a Amostra do discurso jornalístico. Esses bancos de dados possibilitaram a realização de um número considerável de estudos variacionistas empiricamente controlados e traçaram um perfil mais completo da variação linguística na cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo do tempo, foram se estabelecendo interfaces entre a Sociolinguística Variacionista e diferentes modelos teóricos. Um ponto a destacar na minha atuação diz respeito à exploração da interface entre a Sociolinguística Variacionista e outros modelos teóricos que enfatizam a importância do uso linguístico, como é o caso das correntes de orientação funcionalista. A extensão de pressupostos e dos procedimentos metodológicos da teoria variacionista a fenômenos sintáticos e discursivos abriu espaço para discussão do conceito de variável linguística, uma questão que nada perdeu de sua atualidade. Ao longo da minha atuação no Programa de pós-graduação em Linguística, tenho buscado desconstruir uma visão da Sociolinguística apenas como uma metodologia e que enfatiza o aspecto quantitativo da variação. Para tanto, tenho procurado incentivar a viabilidade e o interesse teórico da conjugação entre o conceito de variação e pressupostos de modelos que enfatizam não só a importância da frequência de uso, como também a importância da função discursiva/comunicativa das formas linguísticas. Essa integração permitiu uma descrição mais adequada, em especial de fenômenos morfossintáticos e sintático-semânticos, como, por exemplo, as diferentes formas de articulação de orações.

⁷ <https://peul.lettras.ufrj.br/>

⁸ <https://peul.lettras.ufrj.br/amostras/censo-1980>

⁹ <https://peul.lettras.ufrj.br/amostras/amostra-censo-2000>

REVISTA LINGUÍSTICA: 2) Os estudos sociolinguísticos no Brasil têm uma trajetória rica e multifacetada, com contribuições significativas que se entrelaçam com a história do PPGLIN/UFRJ. Inicialmente, a sociolinguística no país emergiu como uma área de estudo que explorava a diversidade linguística e os fenômenos sociais relacionados à língua, considerando a influência de fatores sociais, culturais e históricos na variação e no uso linguístico. O PPGLIN/UFRJ se tornou um centro importante de produção de conhecimento nesse campo, agregando pesquisadores e estudantes dedicados a investigar a sociolinguística brasileira e suas ramificações. Dessa forma, na visão de vocês, como é possível destacar a importância do PPGLIN/UFRJ para a Sociolinguística e Linguística brasileira em geral?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: Um grupo voltado para os estudos sociolinguísticos foi implantado, nos anos de 1970, sob a coordenação do professor Anthony Julius Naro. Sinto-me honrada de ser um dos membros mais antigos e de ter sido coordenadora da equipe por quase duas décadas. Inicialmente, voltamo-nos para a constituição da então Amostra Censo, replicada em 2000. Em paralelo, foram feitos muitos estudos, alguns dos quais referências para outros no Brasil. O histórico do grupo encontra-se bem documentado em Paiva & Scherre (1999) e Paiva & Silva (2012). De lá para cá, o PEUL <https://peul.letras.ufrj.br/> continua protagonista no cenário nacional, contando com uma nova geração de sociolinguistas do nosso Programa (PPLING/UFRJ) que vêm desenvolvendo, com base em novos corpora, investigações em diferentes frentes.

Em coautoria com Alzira Macedo e Claudia Roncarati, estive fortemente voltada para o empreendimento de divulgação da nossa produção científica por meio da organização de livros e periódicos da área (cf. MOLLICA; MACEDO; RONCARATI, 1996; MOLLICA; RONCARATI, 1997). Nessas coletâneas, encontram-se estudos seminais que hoje são de leitura obrigatória para entender, por exemplo, os princípios funcionais da variação, a relação forma/função e vetores de mudança como a gramaticalização.

Lembro aqui o livro *Introdução à Sociolinguística*, resultado de trabalho da equipe do PEUL à época. Inicialmente, a iniciativa foi pensada para constituir-se em material instrucional de natureza didática. Sob a minha organização, foi então editado pela PR-1 por meio do programa de divulgação científica do então Cadernos da Didáticos (cf. MOLLICA, 1992). Posteriormente, o livro ganhou espaço nacional ao ser publicado por editora de ampla distribuição (cf. MOLLICA; BRAGA, 2003).

Pela linha editorial dos Cadernos, pude também reunir, em parceria com Luiz Paulo, textos voltados para a linha divisória entre Linguística e Linguística Aplicada (cf. MOLLICA; MOITA LOPES 1993) num tempo anterior à criação da subárea. Depois organizamos ainda um número da Revista Tempo Brasileiro a respeito (cf. MOLLICA; MOITA LOPES, 1994).

Investimos sempre na publicação de nossa produção no PEUL. O livro organizado por Marta Scherre e Giselle Machline de Oliveira e Silva, em 1996, também é um marco divisório para a divulgação da Sociolinguística quantitativa de orientação laboviana. Pena que a novíssima geração ainda não teve acesso, embora os Padrões Sociolinguísticos tenham estado em fóruns nacionais por todo o Brasil.

Inúmeras direções da Sociolinguística têm sido desenvolvidas no âmbito do PPGLIN/UFRJ. Destacaria o livro Mollica & Ferrarezi (2016) no qual muitos pesquisadores do nosso Programa interagem com renomados nomes nacionais com vistas a, pela primeira vez, explicitar bases teóricas diferenciadas que estabelecem interfaces com a Sociolinguística. Podemos então, através da obra, entender como a área conversa com a Linguística Cognitiva, a Análise do Discurso, a Crioulística, a Ecolinguística, apenas para citar algumas interfaces. Fica clara a vitalidade dos estudos sociolinguísticos e a liderança dos nossos docentes. Vale destacar ainda como a Sociolinguística, transversalmente, estabelece múltiplos olhares considerando a base nos achados da Neurociência. Nesses anos, outros sociolinguistas do Programa vêm publicando livros importantes, a exemplo de Gomes (2020), cujos estudos são voltados para a Fonologia na perspectiva de modelos de exemplares com ênfase em aquisição.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: A meu ver, é necessário, antes de mais nada, delimitar o que entendemos por Sociolinguística, visto que este termo recobre diferentes vertentes de estudo. O que as reúne é a ênfase dada à heterogeneidade das línguas e ao componente social, ou melhor, dizendo, sociogeográfico e cultural, como determinante do uso linguístico. Dentre essas vertentes situa-se a Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa, centrada na variação postulada como um fenômeno não aleatório e na sua relação com a mudança linguística. Por um vício de formação, vou me ater a esse modelo, implementado ainda no início dos anos 60 com os trabalhos desenvolvidos por William Labov. Efetivamente, essa visão despertou o interesse de vários docentes do PPGLING e ganhou um espaço importante em trabalhos voltados para a compreensão dos fatores que operam sobre fenômenos variáveis do português brasileiro. Esse interesse se estendeu por diversos pontos do Brasil, permitindo assim a conjugação entre a dimensão diatópica e a dimensão diastrática, alargando, inclusive, o escopo da Dialetologia Clássica.

Como já destacado, o Programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ se destacou como um ponto de partida do modelo Variacionista, que, em muitos casos, ganhou espaço em diversos centros universitários brasileiros através da ação/colaboração de docentes do programa de Linguística. Tal expansão contribuiu e vem contribuindo para maior conhecimento da variedade brasileira do português e da forma de difusão de variantes linguísticas inovadoras. Além disso, permitiu não só uma maior compreensão dos aspectos geográficos, culturais e sociais da variação linguística, como também identificar a extensão e regularidade de determinados padrões de variação.

REVISTA LINGUÍSTICA: A integração da Sociolinguística com as ciências cognitivas representa um avanço significativo na compreensão da complexidade da linguagem humana. A sociolinguística, tradicionalmente focada na relação entre língua e sociedade, está cada vez mais reconhecendo a importância dos aspectos cognitivos no estudo da variação e do uso linguístico. Como vocês veem a sociolinguística nesse contexto?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: A investigação cognitiva na Sociolinguística sempre esteve presente. Ora, se os empregos variáveis não são aleatórios e são motivados por pressões de natureza diversa, é ingênuo pensar que sejam livres dos mecanismos cognitivo-perceptuais dos falantes. Vale assinalar que esses se fizeram mais explícitos em conformidade com os novos avanços da área na direção da pesquisa acerca da aquisição e da percepção da variação. Por consequência, a constituição de constructos teóricos mais robustos, para fins de norteamto das análises, tem caracterizado significativo avanço.

Natural e conseqüentemente, importam a qualidade, a quantidade e a iconicidade do uso das estruturas variantes, que só podem constituir-se sob condições apropriadas no que se refere à geração da consciência sociolinguística e sua relação com a mente humana (cf. MOLLICA, 2010). O falante possui justas habilidades cognitivas para representar seus indicadores identitários, suas emoções, sua compreensão linguística, de modo que se de oportuna situação contextual e opera compatibilidade necessária com a audiência. Sendo assim, graus diferenciados de apropriação dos empregos sociolinguísticos convertem-se, historicamente, em metas relevantes de pesquisa para o avanço da Ciência e das subáreas.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: O reconhecimento da natureza cognitiva do sistema linguístico e a influência de fatores cognitivos na variação é declaradamente assumida e explicitada no volume 3 de *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*, publicado por Labov, em 2010. É bom lembrar também que o “Monitor Sociolinguístico”, proposto por Labov (2006), constitui um mecanismo cognitivo relacionado à saliência social de variantes linguísticas, e que conceitos como “avaliação” ou “significado indexical” remetem para entidades mentais, construídas socialmente.

Em princípio, podemos dizer, portanto, que não há incompatibilidade entre a Sociolinguística Variacionista e modelos cognitivistas, visto que as duas áreas de estudo defendem uma interdependência dinâmica entre sistema e uso. Tanto a variação linguística como a implementação de uma mudança requerem a abstração de padrões linguísticos mais gerais que só podem ser generalizados a partir da ação de mecanismos ligados à atenção, percepção, memória e à capacidade de identificar semelhanças e diferenças entre elementos linguísticos e eventos comunicativos distintos. Um exemplo ilustrativo dessa ação de mecanismos cognitivos no uso de variantes linguísticas é o “efeito priming”, ou seja, a repetição da forma linguística usada mais recentemente, o que pode favorecer a propagação de uma determinada variante linguística numa comunidade de fala (cf. PAIVA; SCHERRE, 2022). Como destacam Paiva e Abraçado (2021, p. 202), uma integração entre Sociolinguística e Linguística Cognitiva conduz, necessariamente, “para a forma como a variação pode ser modelada na gramática do indivíduo, o que conduz para questões relacionadas não apenas à produção como também à percepção e à aquisição de padrões de variação”.

REVISTA LINGUÍSTICA: 4) Considerando a ampla gama de estudos já realizados na Sociolinguística brasileira, ainda existem áreas que carecem de maior investigação e atenção por parte dos pesquisadores. Quais seriam, em sua opinião, essas lacunas ou áreas pouco exploradas que merecem uma atenção mais dedicada no futuro? Como vocês enxergam o cenário futuro da Sociolinguística no Brasil, levando em conta as mudanças socioculturais e tecnológicas?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: Existem muitas direções a serem exploradas para além do que já temos reunido na área. Vale aqui lembrar o conceito de ondas pelas quais historicamente a Sociolinguística teria perpassado, muito embora elas não sejam excludentes. O texto recente de Freitag (2023), além de descrever as três ondas, sugere uma quarta onda da Sociolinguística no Brasil. Esta consiste no ativismo sociolinguístico, em especial na área educacional.

Com efeito, em que pesem os esforços de veiculação de conceitos sociolinguísticos e de resultados de pesquisas voltadas para o PB, a sociedade e a escola ainda não atingiram nível satisfatório de letramento informacional. Aqui vale salientar que os desafios da divulgação científica se originam na própria diferença entre as linguagens ditas científicas e não científicas. Em última análise, a tarefa de repassar informação científica inclui conhecer a linha divisória entre os chamados cientistas e leigos. Quais são as barreiras para enfrentar?

Muitas questões estão aí envolvidas. A história das ciências lança luzes para algumas respostas. A delimitação dos gêneros textuais e os movimentos retóricos de que fazemos uso para a divulgação científica influem no *modus operandi* da divulgação. Não se trata de um trabalho apenas de traduzir textos não acessíveis ou de mera simplificação dos seus conceitos.

Antes de qualquer coisa, a tarefa a enfrentar sugere conhecer os primórdios da especialização do conhecimento racional. Por certo, é muito difícil transpor a univocidade da linguagem científica no processo de divulgação. A relação entre forma e sentido tem que ser minimamente preservada, evitando o estabelecimento de relação entre uma forma e diferentes sentidos, que caracteriza a linguagem não científica. Eu diria que se trata da principal contenda do que seria, a meu ver, a quarta onda.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: Inicialmente mais concentrados na produção linguística, os estudos variacionistas foram, gradativamente, se estendendo para a análise de outros aspectos ligados à variação. Dentre eles, se destaca a percepção e avaliação de variantes linguísticas e suas consequências na implementação de mudanças, bem como o processo de aquisição da variação por crianças. Outro campo de interesse é a importância do estilo de fala como um relevante condicionador da variação. Embora muitos resultados já estejam disponíveis, este aspecto ainda suscita questões que merecem análise mais aprofundada no que se refere à variação no português brasileiro. Também as questões ligadas ao contato linguístico merecem maior investimento, visto que podem fornecer evidências mais decisivas acerca da aquisição e difusão de variantes inovadoras. Desde o seu início, os estudos da produção conduziram a questões centrais sobre o ensino de português como língua materna e alimentaram várias propostas metodológicas para a abordagem de fenômenos variáveis no meio escolar.

Outra área que requer maior desenvolvimento está relacionada ao estudo da mudança em tempo real, de forma a verificar a validade das evidências em tempo aparente. Ao longo do tempo, grupos de pesquisadores contribuíram para a constituição de diversas amostras de fala da mesma comunidade e/ou dos mesmos falantes, criando as condições necessárias para a realização de estudos da mudança linguística em tempo real de curta duração. No entanto, essa via tem sido pouco explorada, embora constitua um dos meios mais seguros de identificação da direcionalidade de uma variante linguística. Creio que é necessário incentivar a realização desse tipo de estudo, que fornece evidências mais seguras tanto para a discussão de questões teóricas centrais, quanto para o refinamento de estratégias metodológicas para a obtenção de amostras representativas de diferentes sincronias do português brasileiro. Maior investimento seria bem-vindo também na organização de amostras que permitam o estudo de redes e de comunidades de prática, de forma a superar as limitações impostas pelas amostras sociolinguísticas mais tradicionais. Como se pode esperar, a rapidez com que são disponibilizados e aprimorados recursos tecnológicos para o tratamento e armazenamento de dados tornou possível não só a organização de amostras linguísticas mais facilmente disponíveis como permitiu agilizar o levantamento dos dados relevantes para o estudo de uma variação linguística, através da implementação de recursos de busca. Numa outra direção, a “linguagem” da internet passa a constituir ela própria uma amostra de variação linguística em outros meios de comunicação e outros gêneros textuais. Outras questões podem ser colocadas, principalmente no que se refere ao efeito das particularidades dos meios digitais no uso de variantes linguísticas. Acredito, inclusive, que o estudo da “linguagem da internet” passe a ocupar um lugar cada vez mais relevante nos estudos sociolinguísticos, já que se trata de um meio no qual outros códigos se superpõem e colaboram na transmissão da mensagem.

REVISTA LINGUÍSTICA: 5) Para onde o programa de pós-graduação em Linguística da UFRJ, mais especificamente a Linha 3 – Variação e Mudança Linguística¹⁰, está direcionando a Sociolinguística? Quais são os objetivos futuros em termos de pesquisa, colaborações e expansão dessa área dentro do programa?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: O PPGLIN/UFRJ tem o compromisso e a enorme responsabilidade de dar continuidade a todas as direções de pesquisa trilhadas até o momento. Destacaria os estudos em tempo real, com a nova amostra ora em constituição pelo PEUL, 40 anos depois das amostras de 80 e de 2000.

Além disso, os estudos sobre aquisição da variação são fortemente expressivos. Neles, são também contemplados os princípios que norteiam a influência do léxico na aquisição e mudança. As teses varicionista e difusionista (cf. MOLLICA, 2014b) devem agregar-se para fins de ampliação do escopo de pesquisa, em que types e tokens devem ser finamente analisados sob vieses específicos, como é o caso da frequência.

¹⁰ <https://ppglinguistica.lettras.ufrj.br/programa/linhas-de-pesquisa/>

A variação registrada em vários gêneros textuais e redes sociais online e offline tipifica pesquisas valiosas. Em que medida os estilos monitorados emergem em função de enquadres distintos e de plataformas naturais e documentárias? Em Mollica (2015), há uma boa discussão sobre representação e participação corporativa em ambientes digitais. Na agenda de trabalho, a área deve procurar conhecer a arquitetura dos portais, bem como investigar em que domínio do conhecimento e em que comunidade discursiva emerge a diversidade linguística.

Os estudos acerca da percepção da variação são aliados importantes no campo. Para a área de Educação, por exemplo, é relevante conhecer o tempo para os indivíduos com déficit, as características e particularidades em relação à acuidade, discernimento e atitudes sociolinguísticas. As posturas atitudinais que os falantes possam ter em relação à linguagem revelam singularidade do ponto de vista social especialmente.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: A linha de pesquisa Variação e Mudança Linguística, inicialmente mais centrada na produção, tem voltado sua atenção para outras questões, destacando-se entre elas, a inter-relação entre produção e avaliação, bem como a percepção de variantes linguísticas e seu processamento por falantes nativos de português. Através da associação de evidências de produção e percepção de variantes linguísticas da variedade carioca, visa-se incrementar estudos voltados para a representação da variação. De um ponto de vista teórico, ganha destaque a discussão sobre o status da variação no conhecimento linguístico do indivíduo.

Outro objetivo na pauta de trabalho de pesquisadores da linha é o estudo mais aprofundado da variação estilística e o estudo de comunidades de fala específicas, como, por exemplo, as favelas. Um dos objetivos visados é identificar as possíveis particularidades da variação constatada nessas comunidades, comparando-as com outras comunidades de fala. Nesse sentido, uma via a explorar é a própria metodologia de organização de amostras de fala que permitam captar o comportamento linguístico do falante em diferentes situações comunicativas.

Busca-se também incrementar os estudos de mudança linguística, através de análises do tipo tendência e painel, a fim de obter evidências mais seguras do estágio de implementação de certas variantes linguísticas na variedade carioca do português e testar resultados já obtidos em estudos da mudança no tempo aparente.

Uma outra frente de trabalho diz respeito à utilização dos meios computacionais disponíveis não apenas para a organização de bancos de dados e levantamento de dados, mas também para a análise de traços prosódicos e acústicos associados a variantes linguísticas. Para tanto, busca-se incrementar a relação e o intercâmbio com outros grupos de pesquisadores brasileiros, através de estudos comparativos do mesmo fenômeno, o que pode redundar numa visão mais completa e objetiva das diferenças entre variedades do PB.

REVISTA LINGUÍSTICA: 6) Na visão de vocês, como a Sociolinguística influenciou e moldou as percepções e estudos sobre a variação e diversidade linguística no Brasil ao longo do

tempo? Desde seus primeiros passos até a atualidade, como essa área de estudo tem contribuído para compreendermos melhor a riqueza da diversidade linguística presente no país e quais foram os principais marcos ou mudanças significativas impulsionadas pela Sociolinguística que impactaram as pesquisas linguísticas no Brasil? Além disso, em que medida as contribuições sociolinguísticas têm influenciado não apenas o ambiente acadêmico, mas também políticas públicas, práticas sociais e a valorização das variedades linguísticas presentes na sociedade brasileira?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: As pesquisas sociolinguísticas, para além de aprofundar o conhecimento a respeito do processamento linguístico em sua dimensão dinâmica, “subvertem” a lógica dos estudos clássicos. Além disso, mostram até que ponto, no caso do Brasil, podemos dizer que há uma dialeção fraca ou forte. Os estudos sobre percepção apontam para os estereótipos e, nessa medida, revelam o nível de aceitação das comunidades em relação à diversidade linguística. Passamos a conhecer, assim, as avaliações positivas e negativas do falante em relação à linguagem.

O conhecimento gerado pela reunião de trabalhos na área sobre o PB, por consequência, conduz à possibilidade de traçar diretrizes, especialmente, no âmbito educacional. Nesse sentido, as políticas públicas traçadas devem levar em conta a aceitação da diversidade linguística e da singularidade dos sujeitos, assim como considerar a compatibilização dos usos com os adequados contextos. Para se obter maior leque de pesquisas, eu recomendo acessar o repositório do Programa <https://ppglinguistica.letras.ufrj.br/teses-e-dissertacoes/> para se conhecer algumas das dissertações e teses orientadas por docentes do Programa.

Tanto os PCNs quanto a BNCC contemplam tais apontamentos, no entanto não há qualquer indicação dos procedimentos a adotar nas práticas pedagógicas. Note-se que, na prática forense, o entendimento da complexidade sociolinguística consiste, por vezes, em apoio jurídico fundamental.

A formação do fonoaudiólogo no Rio de Janeiro já conta, desde os anos de 1970, com os fundamentos linguísticos. Na UFRJ, tomou mais fôlego nos anos de 1990, quando foi criado o curso de Fonoaudiologia. A coletânea reunida por Improta França (2022) consiste num livro de referência para a qualificação dos profissionais. Nele, grande número de subáreas da linguística está incluído na grade das disciplinas. Os conceitos fundantes da Sociolinguística lá estão conjuntamente com os demais do campo da linguagem humana.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: O estudo da variação/diversidade linguística no Brasil não é uma novidade, na medida em que remonta aos estudos dialetológicos, com ênfase na dimensão espacial/geográfica, reconhecendo a importância da variação horizontal. Destaque-se nesse sentido o importante trabalho desenvolvido pela equipe do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB)¹¹. A introdução e expansão da Sociolinguística, mais particularmente da Sociolinguística Variacionista, colocou no centro das atenções a importância da variação vertical. Além disso, forneceu um aparato teórico e metodológico que permitiu, e continua permitindo, a identificação do efeito de fatores socioculturais,

¹¹ <https://alib.ufba.br/>

estilísticos e cognitivos correlacionados ao uso de variantes linguísticas de diferentes níveis da língua. Dessa forma, a Sociolinguística encontrou adeptos em vários centros de pesquisa brasileira, o que culminou, ao longo dos anos, não só no expressivo aumento do número de trabalhos, mas também na sua extensão a uma grande diversidade de fenômenos, avaliados ou não avaliados socialmente.

A expansão desses estudos tornou possível fornecer um panorama mais claro e empiricamente sustentado das diversas variedades geográficas do Brasil e forneceu os subsídios para desmistificar a dicotomia entre forma linguística correta versus forma incorreta, visão de que uma forma de falar é correta e outras incorretas. Além disso, esses estudos trouxeram inquestionáveis evidências para os processos de mudança em curso no português.

Uma outra contribuição relevante é a desconstrução do pressuposto de que a variação linguística se restringe à língua falada, despertando o interesse também pela variação em diferentes gêneros de escrita, como é o caso, por exemplo, dos trabalhos reunidos em Paiva e Gomes (2015), o que vem permitindo, inclusive, desvendar a forma como processos de mudança em curso são incorporados na língua escrita.

É necessário destacar que essa expansão dos estudos sociolinguísticos de variação conduziu, inevitavelmente, à questão do ensino de língua portuguesa no meio escolar, classicamente baseado em manuais que se limitam a trabalhar com regras prescritivas e estigmatizam formas/variantes correntes na língua falada, consideradas “erros”, como é o caso, por exemplo, da ausência de concordância nominal e verbal.

Com o objetivo de desmistificar oposições tais que correta/incorreta ou forma de prestígio/forma desprestigiada os resultados empiricamente sustentados dos estudos sociolinguísticos tornaram possível discutir e buscar estratégias de conscientização dos alunos acerca da variação linguística, incluindo a proposição de atividades que permitam conscientizar o aluno da coexistência de diferentes estilos tanto de fala como de escrita, uma direção explorada, dentre muitos outros, por Mollica (2016),

REVISTA LINGUÍSTICA: 7) Como a Sociolinguística se adaptou e evoluiu para lidar com as nuances linguísticas e sociais específicas do Brasil ao longo do tempo? Considerando a diversidade cultural e linguística do país, de que maneira ela desenvolveu abordagens particulares para capturar e analisar essa complexidade? Existem características únicas ou estratégias metodológicas distintas na Sociolinguística brasileira que a diferenciam de outras perspectivas ou abordagens no campo mais global? Além disso, como essas adaptações sociolinguísticas se refletem na produção de conhecimento e no entendimento mais aprofundado sobre a variação linguística, as dinâmicas de mudança de línguas e as interações entre língua e sociedade no contexto específico do Brasil?

MARIA CECÍLIA MOLLICA: A Sociolinguística no Brasil tem origem na Geolinguística e toma corpo com o Variacionismo, nos anos de 1970. A tradição de constituição de corpora do português brasileiro impressiona e tem dado base a pesquisas quantitativas de correlação de variáveis com a meta de investigar a mudança em tempo aparente e em tempo real. Os idos de 1990 têm

norteado estudos com um viés marcadamente funcionalista em que a mudança se vê representada por processo de gramaticalização, por exemplo.

No livro de Mollica e colegas (2017), são investigados os modos como se processa a mudança linguística dando relevo à gradualidade de variantes novas e de formas lexicalizadas. Demonstra-se a força de processos prototípicos sobrepondo-se a outros, de modo a promover a mudança num efeito dominó. A projeção escalar de câmbios linguísticos pode acontecer em diversas sincronias e em diferenciados enquadres discursivos. Na obra, evidencia-se que a mudança pode ter origem na opacidade do léxico de uma comunidade discursiva que, paulatinamente, se expande para o léxico geral da língua. Para tanto, processos cognitivos são acionados para operar a reestruturação léxico-gramatical de forma escalar. Evidencia-se ainda que os contextos tipificadores dos gêneros textuais se movimentam numa espiral de reanálise composicional e de aquisição de novos padrões gramaticais e conceituais.

Em Mollica (2016c), ficamos impactados com a ilimitada produtividade dos falantes ao engendrar sentenças tipologicamente consideradas como etiquetagens, usuais no mundo de hoje e em tempos mais remotos. Com eficácia, os empregos variáveis que se utilizam da topicalização e focalização, por exemplo, têm como meta conquistar direitos, mudar papéis sociais, ganhar cidadania, especialmente por parte da minoria e dos sujeitos mais vulneráveis. Se bem embalada, a língua pode fazer uma história de conquistas na direção da inclusão e harmonia de comunidades de fala. As investigações sociolinguísticas podem destacar o “poder” das construções quando ativadas as competências linguística, pragmática e cognitiva do falante.

Há muito que fazer na área. É relevante insistir na comparação de processos variáveis em diversos dialetos no Brasil, uma vez que nos permite conhecer o dinamismo de contato linguístico e os mecanismos de acomodação dialetal. Avançar no paralelo entre o PB e o PE é pertinente, na medida em que significa inserir na agenda de trabalho o projeto de compreender as línguas pluricêntricas. Com esse propósito, tão bem encaixam-se as pesquisas sociolinguísticas sob orientação histórica. Vale lembrar a publicação de livro já citado aqui (cf. MOLLICA; FERRAREZI, 2016) que oferece uma boa ideia das inúmeras interfaces teóricas que a Sociolinguística vem oferecendo. Diálogos com a área de Ciência da Informação são bem-vindos e podem ser encontrados, por exemplo, em Mollica & Gonzalez (2012) em que se focalizam questões relativas a processamento, a fluxo da informação e à arquitetura de sistemas de redes online e offline, bem como à representação mental da linguagem, do letramento e comunicação, do papel dos gêneros discursivos digitais e não digitais na construção do conhecimento e na inovação tecnológica.

A adoção de metodologias variadas para a investigação da contraface dinâmica da linguagem se revela, dado que as perspectivas diatópica e diastrática estão presentes nos estudos de mudança, aquisição, aplicação. No livro de Mollica e colegas (2022), a díade fala-escrita é naturalmente abordada num contínuo vigoroso, de modo a se conhecer os índices que lhe servem de critérios de caracterização da lectoescrita. Trata-se de complexidade que se impõe como desafio permanente para

pesquisadores que cogitam estreitar efetivo diálogo com as demais áreas numa perspectiva transversal, imperativo da contemporaneidade.

MARIA CONCEIÇÃO PAIVA: A meu ver, não seria muito apropriado falar em especificidades da Sociolinguística Variacionista no Brasil, assim como ocorre com outros modelos teóricos. As teses centrais e os pressupostos básicos da teoria variacionista, como, por exemplo, o de que nenhuma variação linguística é aleatória, são mantidos, embora possam ser discutidos. Não tenho certeza de que possamos falar propriamente de evolução da Sociolinguística no Brasil. No entanto, podemos, por outro lado, falar de adaptação, na medida em que as sociedades humanas se distinguem nas suas práticas e também nos seus valores, o que, efetivamente, impõe a necessidade de considerar variáveis, que, talvez, não se apliquem a outras sociedades ou comunidades de fala. Assim, a maioria dos estudos de variação no Brasil verifica, por exemplo, o efeito possível da variável gênero no uso de variantes linguísticas. Como a própria mudança da sociedade atual impõe um tratamento diferenciado desse fator, alguns a focalizam como um continuum.

Podemos destacar, ainda que, nos estudos sociolinguísticos brasileiros, a possível relevância de diferenças culturais salientes se impõe por si mesma. Outro exemplo de adaptação de pressupostos teóricos e métodos à realidade brasileira é a inclusão em muitos estudos de variáveis não estratificáveis como profissão, renda e sensibilidade linguística, o que tem permitido uma análise mais acurada da importância da dimensão estilística da variação.

Outro aspecto a destacar é a conjugação de princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista com modelos teóricos funcionalistas e cognitivistas, em especial da Gramática de Construções, integrando o estudo da variação na comunidade e no indivíduo de forma a buscar evidências mais seguras para a forma de representação da variação. Como já mostrado por vários trabalhos, a representação da variação não pode ser explicada apenas em termos de regra variável, como proposto inicialmente nos estudos variacionistas. Compreender a representação da variação requer levar em conta todos os aspectos associados a cada instância de uso de uma variante linguística.

Graças ao desenvolvimento dos recursos eletrônico-computacionais, novos procedimentos de organização de amostras se tornaram possíveis. Neste sentido, diferentes grupos de pesquisa têm se esforçado não só na organização de bancos de dados como também na utilização de programas computacionais que tornem mais ágil o levantamento de dados.

Referências

BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecilia. Maras segmentais e/ou suprasegmentais entre o sujeito e o predicado e a sua função discursiva. *Série Estudos*, 12, Linguística: Questões e controvérsias, Uberaba-MG, 1986, pp. 24-39.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. GT de Sociolinguística. *Revista da Anpoll*, v. 1, pp. 95-102, 1985.

FREITAG, Raquel. *A quarta onda: ativismo sociolinguístico no Brasil*. *Fórum Linguístico*, v. 20, n. 3, pp. 9401-19, 2023. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2023.e9> 2013 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/92913/54464>, 2023.

GOMES, Christina Abreu (org.). *Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares*. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

IMPROTA FRANÇA, Anieli. *Linguística para fonoaudiologia: interdisciplinaridade aplicada*. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

LABOV, William. *The cognitive capacities of the sociolinguistic monitor*. Paper presented at the 17th Sociolinguistic Symposium, Amsterdam. 2006.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*, volume 3: cognitive and cultural factors. New Jersey, Willey Blackwell, 2010.

MACEDO, Alzira; MOLLICA, Maria Cecília; RONCARATI, Claudia (orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz Wiedemer. Grupo de Trabalho de Sociolinguística, 35 anos depois: reflexões e cenários. *Revista da ANPOLL*, Florianópolis, v. 52, n. esp., jan.-dez., 2021, pp. 09-26.

MOLLICA, Maria Cecília. *Estudo da cópia nas construções relativas do português*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras). PUC-Rio, 1977.

MOLLICA, Maria Cecília. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1989.

MOLLICA, Maria Cecília. *(De)que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

MOLLICA, Maria Cecília. *Da linguagem coloquial à escrita padrão*. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília. *Fala, letramento e inclusão social*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Linguagem para a formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MOLLICA, Maria Cecília. (org.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Linguagem em contextos*. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2014a.

MOLLICA, Maria Cecília. *Difusão lexical: aquisição, variação e letramento*. Curitiba: Editora CRV, 2014b.

MOLLICA, Maria Cecília. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2016a, 2. edição.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). *#linguisticadeprotestos*. Novos caminhos de pesquisa. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2016c.

- MOLLICA, Maria Cecília. *Seleção de escritos sobre a pausa*. Campinas: Editora Pontes, 2021.
- MOLLICA, Maria Cecília et al. (orgs.). *Cybercorpora e inovação com práticas de ensino*. Curitiba: Editora CRV, 2015a.
- MOLLICA, M. C. et al. *Do analfabetismo à violência: contribuições da Ciência da Linguagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2020.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. As estruturas SN pleno + SN pronominal anafórico no Português do Brasil 20 anos depois. In: LIMA-HERNANDES, Maria Celia; ABREU, Katia (orgs.). *Língua Portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*. Lecce, Itália: Pensa MultiMedia Editora, 2010, pp. 85-95.
- MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI, Celso. *Sociolinguística, sociolinguísticas*. São Paulo: Editora Contexto, 2016b.
- MOLLICA, Maria Cecília; GONZALEZ, Marcos. *Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Editora APPRIS, 2012.
- MOLLICA, Maria Cecília; LEAL, Marisa Bezerra. *Letramento em EJA*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- MOLLICA, Maria Cecília; LEAL, Marisa Bezerra (orgs.). *Construindo o capital formal das linguagens*. Curitiba: Editora CRV, 2010.
- MOLLICA, Maria Cecília; PATUSCO, Cynthia; BATISTA, Hadinei Ribeiro (orgs.). *Sujeitos em ambientes virtuais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015b.
- MOLLICA, Maria Cecília et al. *Efeito dominó na Linguagem: o que a escola precisa saber*. Curitiba: Editora CRV, 2017.
- MOLLICA, Maria Cecília; PAIVA, M. C. Restrições estruturais atuando na relação entre [l]/[r] e [r] 0 em grupos consonantais em português. *Boletim da ABRALIN*, 11(1). São Paulo, UNICAMP, Campinas: 1981, pp. 181-89.
- MOLLICA, Maria Cecília; RIBEIRO, Hadinei; QUADRIO, Andreia. *Contínuo fala- escrita na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2022.
- MOLLICA, Maria Cecília; RONCARATI, Claudia (org.). *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- MOLLICA, Maria Cecília; SILVA, Cynthia Patusco; BARBOSA, Maria de Fátima (orgs.). *Olhares transversais em Pesquisa, Tecnologia e Inovação*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2012.
- MOLLICA, Maria Cecília. (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro/ PR1-UFRJ, Cadernos Didáticos I, 1992.
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília; MOLITA LOPES, Luiz Paulo. *Linguística e Linguística Aplicada* (orgs.). Rio de Janeiro: PR-1 UFRJ, Cadernos Didáticos III, 1993.

MOLLICA, Maria Cecília; MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Linguagem, Interação e Cognição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline; SCHERRE, Marta Pereira. *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição, ABRAÇADO, Jussara. Questões teóricas e metodológicas: as contribuições do eixo 4. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 52, n. esp., jan.-dez., 2021, pp. 198-215.

PAIVA, Maria da Conceição; GOMES, Christina Abreu. *Dinâmica da variação e da mudança na fala e na escrita*. Rio de Janeiro, Contra Capa/Faperj, 2015.

PAIVA, M. C.; SCHERRE, M. M. P. Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 15, pp. 201-32, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição; SCHERRE, Maria Marta P. Revisitando o efeito da repetição na variação linguística. In: OLIVEIRA, Josane M. de; MOTA, Jacyra A.; REIS, Regiane C. P. *Contribuições para a Linguística brasileira: uma homenagem a Dinah Callou*. Campo Grande, Editora da UFMS, 2022, pp. 257-76.

PAIVA, M. C.; SILVA, V. L. P. Cumprindo uma pauta de trabalho: contribuições recentes do PEUL. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 56, pp. 739-70, 2012.

RAMOS, Jania Martins. (org.) *Estudos Sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Estudos e pesquisas em Sociolinguística no contexto plurilíngue do Brasil. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 29, pp. 219-34, 2010.

Rio de Janeiro (RJ), março de 2024.